

**LARA MEDEIROS BELETTE
MARIANA ESTEVES GIACOMELLI**

**A AFETIVIDADE E A EDUCOMUNICAÇÃO NA
ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL**

PUC - CAMPINAS

2006

**LARA MEDEIROS BELETTE
MARIANA ESTEVES GIACOMELLI**

**A AFETIVIDADE E A EDUCOMUNICAÇÃO NA
ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL**

Monografia apresentada sob orientação da prof^a Maria Regina Peres, ao curso de Especialização em Educação e Psicopedagogia da PUC – Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de psicopedagoga.

PUC - CAMPINAS

2006

TERMO DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Presidente orientadora Professora: Maria Regina Peres

1ª Examinador Prof. (a) Dr. (a): _____

2º Examinador Prof. (a) Dr. (a): _____

Campinas, de de 2006

AGRADECIMENTO

A Professora Maria Regina Peres
Orientadora e incentivadora deste trabalho de Especialização em Educação e
Psicopedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pelo apoio e atenção.

" Só aprende aquele que se apropria do aprendido, transforma-o em aprendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-aprendido a situações existenciais concretas" (Paulo Freire)

RESUMO

Este estudo considera as contribuições da educomunicação no desenvolvimento de um projeto de intervenção psicopedagógica que visa através de propostas alternativas, auxiliar os educandos nos processos de leitura e escrita, para que possam superar suas dificuldades nessas áreas.

A educomunicação pode desenvolver a criatividade e a consciência crítica do aluno, pois ele vê, absorve, aprende, pensa, sente e busca meios para desenvolver um projeto de educomunicação, como, por exemplo, um vídeo.

Outro aspecto que regeu o presente projeto foi a afetividade entre educador e educandos, levando em conta que não há aprendizagem sem vínculo afetivo.

Palavras chaves: psicopedagogia, educomunicação, afetividade, leitura e escrita.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	7
2- AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	12
3- EDUCOMUNICAÇÃO	16
4- POR QUE UTILIZAR A EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PSICOPEDAGÓGICA	19
4.1-Produção Audiovisual como recurso na sala de aula.	23
5- PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA	25
5.1- Detalhamento do Plano de Intervenção	25
6- DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	28
7 – ANÁLISE	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXOS	49
ANEXO 1	50
ANEXO 2	51
ANEXO 3	52
ANEXO 4	53

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa utiliza a educomunicação e a afetividade no processo de ensino e aprendizagem, especificamente na área da escrita e da leitura, com alunos de 9 a 12 anos inseridos no ensino fundamental público. Optamos por trabalhar com alunos em situação de risco (que vivem em um ambiente propício a criminalidade – drogas, roubos etc) e que apresentam dificuldades nesse processo.

Atualmente, o que se observa nas escolas regulares é um grande número de casos de exclusão de crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizado. Alunos que possuem o cognitivo preservado, tendo condições saudáveis de aprendizagem, acabam sendo excluídos na medida em que a escola não oferece condições necessárias para o seu desenvolvimento.

A educomunicação contribui para o processo de ensino e aprendizagem, ajudando os alunos a se socializarem na sala de aula podendo até reverter o quadro dos que apresentam problemas de aprendizagem, e por conta disso são indisciplinados, e também ajuda a formar alunos cidadãos, críticos e éticos na sociedade atual.

Define-se Educomunicação como

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. A comunicação precisa ser planejada, administrada e avaliada, permanentemente. (SOARES, 2000).

Outro fator contribuinte no processo de ensino e aprendizagem é a afetividade.

Para Wallon (1968) o desenvolvimento de uma pessoa é visto como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternativa afetiva e cognitiva.

No estágio da adolescência (que é o estágio dominante do público da pesquisa) há a predominância da afetividade, por isso a tomamos como referencial no presente trabalho, acreditando ser este um fator essencial para o desenvolvimento cognitivo dos educandos, pois a cognição e a afetividade são fatores indissociáveis.

Entendemos por afetividade vivências e formas de expressão humanas mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação dos sistemas simbólicos culturais pelo indivíduo, que vão possibilitar sua representação, mas tendo como origem a emoção que é o primeiro e mais forte vínculo entre um indivíduo e as pessoas.

Assim, diante das idéias apresentadas pretendemos verificar como a educomunicação e a afetividade podem auxiliar no trabalho psicopedagógico.

Para tanto pretendemos analisar como se dá a construção do conhecimento, qual é o valor da interação afetiva no desenvolvimento do sujeito. Com isto, pretendemos abordar que uma interação de qualidade será capaz de levar o indivíduo a chegar no seu melhor; apontará os motivos das dificuldades de aprendizagem e os fatores limitantes, encontrados nas escolas, para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade pelo professor.

Atualmente, principalmente na rede pública e municipal, são encontrados fatores que limitam o desenvolvimento de um trabalho de qualidade pelo professor. Dentre eles destacamos as salas super lotadas, sem infra-estrutura adequada (sem ventiladores, com carteiras quebradas, lousas em más condições, etc), o mau comportamento dos alunos. Estes são alguns dos fatores que acabam prejudicando e até mesmo impossibilitando o bom andamento e rendimento das aulas.

Em uma sala superlotada é praticamente impossível do professor perceber e respeitar as individualidades do aluno, dedicando a cada um deles uma atenção diferenciada, aspecto que é de total importância para o desenvolvimento cognitivo.

Existe como forma de influência na relação professor-aluno a carência do aluno, a necessidade de atenção e o tratamento individualizado. O professor não tem mais tempo para dar atenção aos seus alunos e estes sentem falta deste tipo de comportamento (Gadotti, 1994).

Outro problema encontrado em salas superlotadas é a falta de controle sobre a classe por parte do professor, o que acaba resultando em bagunça e no mal comportamento dos alunos. E em um ambiente que apresenta estas características é difícil de ocorrer uma aula que incentive a construção de conhecimentos.

Salas com uma boa infra-estrutura, que ofereça conforto para os alunos, é outro fator que precisa ser levado em consideração quando se visa desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade.

A dificuldade de concentração por parte dos alunos é agravada quando estes não se sentem bem e confortáveis em sala de aula. Muito calor, carteiras que não são adequadas, lousas em que não se pode enxergar o que é escrito pelos professores, são fatores que dispersam a atenção dos alunos daquilo que lhes está sendo ensinado, resultando no baixo rendimento e no desenvolvimento de dificuldades cognitivas.

Acreditamos que esses problemas impedem a implementação do projeto aqui proposto, pois há a necessidade de um ambiente acolhedor, onde o educador possa desenvolver um relacionamento afetivo. “O ambiente físico nunca é neutro, emite o tempo todo mensagens à criança. Estas mensagens tanto podem ser de cuidado e interesse como de extremo descuido e desinteresse.” (Ferreira, 2000).

Dentro dessa abordagem o trabalho se propõe a explicar o que é educomunicação, a importância da afetividade na construção do conhecimento do aluno e como esse projeto pode ser realizado em escola e/ou em instituições.

Para a elaboração desse trabalho de pesquisa, unimos a experiência de duas profissionais, uma na área de comunicação social com ênfase em jornalismo sendo também professora em uma escola Particular de Campinas, e a outra uma educadora social e pedagoga que trabalha em uma instituição beneficente localizada no Bairro Jardim Campos Elíseos na cidade de Campinas. Esta instituição atende crianças e adolescentes de risco.

As tentativas de interação entre professor e aluno já vem sendo praticada na sala de aula e alguns trabalhos já estão sendo realizados tais como, produção de vídeo e rádio comprovando que esses projetos conseguem, através de um trabalho de planejamento, implementação e avaliação, auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos, pois para a realização destes, os alunos devem pesquisar, construir textos, formatar os pensamentos em uma lógica, trabalhar com a noção de tempo e espaço entre outras áreas de conhecimento.

Dessa forma, a educomunicação pode ser uma ferramenta para que o psicopedagogo atue junto às escolas e ou instituições com o objetivo de trabalhar a construção do conhecimento dos alunos, valorizando-os. Ela também lhes concederá a oportunidade de participarem como membros ativos da sociedade em que estão inseridos.

Como já citado no início do trabalho, por haver um grande número de crianças que se encontram excluídas do sistema escolar por apresentarem dificuldades na leitura e escrita, acreditamos ser de grande importância encontrarmos meios alternativos para solucionar este problema, para que crianças que hoje se encontram nesta situação tenham a oportunidade de se desenvolverem e de participarem efetivamente do processo de ensino e aprendizagem.

Essa pesquisa poderá servir como base para que futuros estudos encontrem e abordem outros meios alternativos na atuação psicopedagógica institucional, visando o desenvolvimento da escrita e da leitura dos alunos.

Com isto, este estudo pretende apontar estratégias e práticas educativas, através de um projeto de intervenção psicopedagógica que considere as contribuições da educomunicação e da afetividade para a inserção de alunos nas séries iniciais do ensino fundamental considerando o seu desenvolvimento cognitivo.

A educomunicação é uma área de conhecimento relativamente nova, mas na prática ela já vinha sendo realizada nas escolas por profissionais que buscavam novos meios para ensinar os alunos, no que se refere à construção do pensamento, da fala, linguagem, textos e na formação do cidadão.

A partir dos conceitos e práticas da educomunicação pretende-se trabalhar a afetividade, a auto-estima e a aprendizagem efetiva do aluno, pois estes estarão inseridos na produção de meios de comunicação que estão presentes no dia-a-dia deles.

2 – A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO

Um aspecto que se apresenta como fator fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem, é a interação entre professor-aluno e a afetividade resultante dessa interação. Porém, nem sempre a afetividade foi considerada um fator importante nesse processo.

Durante séculos o pensamento dominante caracterizou a razão como a dimensão mais importante nos processos de constituição humana. É possível reconhecer que até o início do século XX predominou a interpretação de que a razão dominava o processo de desenvolvimento do ser humano. (Leite, 2006)

Foi apenas no decorrer do século XX que a afetividade passou a ocupar um importante papel no desenvolvimento humano, compreendendo que as relações de interação estabelecidas desde o início da vida da criança eram marcadas profundamente pela afetividade.

Vygotsky (1994), em sua teoria, propõe uma visão de homem como um sujeito social e interativo, diferentemente de concepções tradicionais centradas no indivíduo e no seu cognitivo, ou seja, no seu potencial para desenvolver habilidades. Com os estudos de Vygotsky, o foco passa a centrar-se nas interações sociais: a criança, inserida num grupo, constitui seu conhecimento com a ajuda do adulto e de seus pares.

A aprendizagem ocorre a partir de um intenso processo de interação social, através do qual o indivíduo vai internalizando os instrumentos culturais. Portanto, a ação de conhecimento é obra da atuação do elemento mediador. (Pino, 1997). E a afetividade é uma dimensão sempre presente nos processos interativos e de mediação.

Tendo o professor como um dos principais mediadores em sala de aula, as interações entre ele e os alunos não se limitam apenas aos aspectos cognitivos, a afetividade também se faz presente nessas interações. Nesse sentido, as interações da sala de aula são carregadas de

afetividade e, certamente, esta carga afetiva vai exercer uma influência na aprendizagem. Pois para que o indivíduo se desenvolva bem precisa de um ambiente afetivamente equilibrado, onde este se sinta acolhido.

A intervenção pedagógica, centrada principalmente na interação professor-aluno, é determinante na construção de todo e qualquer conhecimento.

A afetividade é um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os alunos e os demais objetos de conhecimento, bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. É possível, assim, afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor.

Wallon (1968), estudioso francês com formação em filosofia e medicina, dedicou grande parte de sua vida ao estudo das emoções e da afetividade. Ele afirma que a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.

Wallon e Vygotsky aprofundam uma visão psicológica buscando explicar como o aspecto afetivo atua na constituição do sujeito e nas suas relações com o ambiente físico e social.

Tendo como base teórica esses autores, descrever e analisar os aspectos afetivos da interação professor-aluno que participam no processo de apropriação de conhecimentos pelo aluno, pode vir a ser uma das maneiras de se resgatar a dimensão afetiva, que por muito tempo foi ignorada e desvalorizada, não só na educação, mas também no processo geral de formação do indivíduo.

A criança em idade escolar está em intenso progresso no campo intelectual sendo que, segundo Wallon (1968), a afetividade possibilita tal avanço, pois são os motivos,

necessidades, desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior. É, pois, importante observar e descrever como o professor utiliza-se dos aspectos afetivos para promover o avanço cognitivo, já que a elaboração cognitiva funda-se na relação com o outro.

Sabendo-se que as interações que acontecem no contexto escolar são marcadas pela afetividade e que esta também é um importante fator na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre o sujeito e os objetos de conhecimento, é de grande importância o professor esforçar-se para desempenhar uma mediação priorizando a afetividade. Para isso é preciso individualizar o aluno, perceber suas características, estar próximo, ficar de frente, manter contato visual, manter fisionomia receptiva.

Através de experiências pessoais vividas em sala de aula, pudemos identificar aspectos afetivos que são muito valorizados pelos alunos. Dentre elas podemos destacar atitudes como: dedicar um tempo individual para o educando para sanar dúvidas, direcionando total atenção a ele; falar palavras de incentivo e encorajamento durante a realização das atividades, afirmando que são capazes de realizá-las; dentre outras experiências, constituem uma mediação com um alto grau afetivo.

Tal mediação ajuda os alunos a se desenvolverem cognitivamente, a apropriarem-se de novos conhecimentos, contribuindo para que os mesmos consigam uma carreira escolar de sucesso.

Muitos alunos desistem dos estudos por terem vivenciado experiências de insucesso escolar e por não receberem credibilidade de seus mediadores. Porém, é possível desencadear a transformação da experiência negativa em positiva e a construção de uma nova forma de se relacionar com o conteúdo escolar.

Através de uma aproximação agradável do professor, utilizando a mesma linguagem que o aluno, mostrando interesse em seu desenvolvimento e desenvolvendo um trabalho que gere a confiança do aluno pelo professor, bem como a sua auto-confiança, há grandes chances deste construir ou até mesmo reconstruir uma relação de sucesso com o conhecimento.

Cada aluno necessita ser visto como um ser único que não pode ser homogeneizado com os demais, pois cada um possui suas próprias características e seu ritmo de desenvolvimento. Pontos estes que são fundamentais para serem aceitos e compreendidos para que haja uma relação professor-aluno afetiva que resulte em experiências positivas na vida escolar.

3 – EDUCOMUNICAÇÃO

As teorias da comunicação e as teorias da aprendizagem, atualmente, se convergem. Deixam de ser meramente transmissoras de informação ou conhecimento, para serem mediadoras compreendidas como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos.

A comunicação está em todo lugar em tudo o que fazemos, ela está nas linguagens, palavras, discursos, sons, falas, imagens, narrativas, e outras. É utilizada para nossas relações humanas e desempenha um papel importante na vida social das pessoas.

Hoje, percebemos que os meios de comunicação social, sobretudo a televisão, têm uma influencia marcante na vida das pessoas e, nós, educadores não podemos negar o quanto uma criança aprende em frente a uma televisão ou ouvindo rádio ou na frente do computador navegando pela internet.

Dessa forma a educação tem um papel importante no processo de comunicação: o de ensinar como se comunica, quais são as formas e os meios de se comunicar.

Por isso a escola não deve rejeitar os meios de comunicação, mas trabalhar com eles e mostrar que esses meios não são neutros, posicionando o educando de maneira crítica em relação ao uso desses veículos.

O uso das tecnologias de comunicação tais como rádio, televisão, internet, jornais, revistas, pelas escolas e instituições de ensino evidencia um processo de democratização dos meios de comunicação de massa na sociedade.

Para Soares (2000) a união estratégica entre os campos da Comunicação e da Educação vem ensejando a emergência de um novo campo de intervenção social. “A educação para a comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa transformam-se em

objeto de políticas educacionais, sob a denominação comum de Educomunicação”.(Soares, 2000).

A Educomunicação é a intercessão da Comunicação social com a Educação é um novo campo de conhecimento, que está se formando e se encontra em um processo de consolidação.

Segunda Valderrama (2000) a educomunicação é um campo de natureza relacional, estruturado como processo midiático, transdisciplinar, e interdiscursivo e se materializa em quatro áreas de intervenção social: educação para a comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão da comunicação na educação e a área da reflexão epistemológica.

Para este projeto, nos deteremos no uso da mediação tecnológica na educação, isto é o uso das tecnologias da informação nos processos educativos e apontaremos alguns caminhos a educação para a comunicação. Sabemos que os recursos tecnológicos clássicos, como rádio e a televisão sofreram resistência por parte dos educadores pelo seu caráter lúdico e mercantil, mas não podemos negar o quanto esses recursos encantam os alunos, não podendo ser ignorados pelos educadores.

Dessa forma devemos analisar o papel que as tecnologias e as informações/imagens tem desempenhado na vida social explorando as características técnicas dos meios e buscando entender as condições sociais, culturais e educativas de seus contextos.

Esse enfoque é primordial para perceber as possibilidades que se estabelecem com o uso das modernas tecnologias. Pela perspectiva que percebemos a escola, hoje, tem exercido um papel de denunciar os meios de comunicação social, cremos que esse seja o papel da escola.

Porem sua função também é a de anunciar o uso dos meios como metodologia participativa na construção de conhecimentos. Assim temos, segundo Rego (2004) ao abordar

os princípios de Vygostky que “o ser humano não só é um produto de seu contexto social, também um agente ativo na criação deste contexto” .

Um ponto muito importante para o uso desses recursos na sala de aula é estimular a participação dos alunos. A implantação de vários projetos de uso das novas tecnologias na sala de aula precisa ser acompanhada da viabilidade técnica e operacionalização desses projetos a fim de que boas idéias não se transformem em novos projetos fracassados.

A prática pedagógica por meio do desenvolvimento de projetos é uma forma de conceber educação que envolve o aluno, o professor, os recursos disponíveis, inclusive as novas tecnologias, e todas as interações que se estabelecem nesse ambiente, denominado ambiente de aprendizagem. (Almeida, 1999).

Através das idéias explicitadas temos que as características apresentadas na pedagogia por projetos vêm de encontro com o trabalho da educomunicação na educação formal.

Trabalhar o conceito de Educomunicação na escola é partir do princípio que o aluno não vai ser um receptor passivo, mas sujeito do processo. Educar para a comunicação, e ensinar como elaborar um vídeo, por exemplo, exige a disposição do aluno, pois é ele quem vai ter a idéia inicial sobre o assunto que será tratado.

O aluno vai elaborar hipóteses, perguntas, realizar pesquisas, elaborar o projeto e entender, a partir desse processo e por meio do mediador como se movimenta “os Mídias” e toda a cultura de massa no processo de manipular a população para “comprar” suas idéias, produtos etc.

4 - POR QUE UTILIZAR A EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PSICOPEDAGÓGICA?

Partindo do princípio que a psicopedagogia utiliza-se de várias ciências ou conhecimentos para ajudar no diagnóstico e nas soluções de dificuldades do ensino e aprendizagem, acreditamos que as teorias e práticas da Educomunicação e a utilização dos meios de comunicação na escola são preciosos na construção do conhecimento da criança e do adolescente sendo com isto ferramentas significativas para o mediador.

Apenas uma área de conhecimento não seria capaz de abarcar a complexidade de um processo de aprendizagem, pois cada indivíduo possui uma modalidade de aprendizagem, um jeito particular de aprender, a Psicopedagogia aliada a outras áreas de conhecimento, está comprometida em resolver os problemas e melhorar as condições de aprendizagem. (Martins, 2006)

A psicopedagogo pode utilizar as práticas da educomunicação para reverter dificuldades de aprendizagem, pois a elaboração de site, vídeos, programas de rádio entre outros, vem de encontro para desenvolver a criatividade e a consciência crítica do aluno, porque o aluno vê, sente, absorve, aprende, pensa e busca formas para elaborar os projetos em questão.

Além disso, todo o projeto da educomunicação deve ser planejado, acompanhado e avaliado constantemente, sendo utilizada dessa forma ela é uma ferramenta valiosa para a psicopedagogia.

Para que esses objetivos sejam alcançados na sala de aula, junto com o professor, há a necessidade de trabalhar os meios de comunicação como fonte de informação e também como projeto onde os alunos vão construir um programa de rádio, vídeo, sites, jornais e etc. Para Moacir Gadotti (1994) os educadores não podem ignorar o quanto a criança aprende em frente a uma televisão ou ouvindo rádio [ou navegando na internet], fora dos horários escolares. (meus acréscimos). Por isso temos que utilizar esses recursos na sala de aula.

Dessa forma estaremos trabalhando os meios de comunicação tanto para a aprendizagem significativa e construção do conhecimento, quanto para a formação cidadã do aluno, pois os meios de comunicação são fantásticos, mas é preciso que as pessoas se ponham diante deles criticamente. Nada melhor do que conhecer esses meios e como se produz para entender a manipulação dos mesmos.

Os meios de comunicação não podem ser ignorados pela escola. Eles têm diferentes linguagens com especificidades próprias – imagens, narrativas, sons e movimentos – e chega ao receptor com fortes apelos de sedução, contribuindo para que o usuário crie códigos de entendimento e se envolva com as mensagens nele divulgadas.

Acreditamos ser responsabilidade da escola auxiliar no entendimento e reflexão sobre o que está presente nas imagens/mensagens das tecnologias, e encaminhar para a percepção do que está por trás das linguagens. A escola, assim, possibilita que os alunos mergulhem na realidade das imagens/mensagens, procurando, primeiramente, compreende-las pelas experiências, para depois proceder ao distanciamento reflexivo e pensar sobre elas.

Dessa forma o psicopedagogo pode se valer dos meios de comunicação como instrumento alternativo para trabalhar as dificuldades dos alunos. Pois é um recurso criativo e pode desenvolver a capacidade de aprender do aluno.

Não existem recursos específicos e limitados (*na psicopedagogia*), mas são geralmente jogos, atividades de expressão artística, linguagem oral e escrita, dramatização e todo tipo de recursos que facilitem o desenvolvimento da capacidade de aprender com autonomia e prazer. (Martins, 2006).

A televisão, a internet, o rádio são outras maneiras de compreender, de perceber, de sentir e de aprender, em que a afetividade, as relações, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados. Esses meios são alternativas de aprendizagem que os auxiliam a interagir, a escolher e a participar nas estruturas sociais e educativas.

Para Vygotsky o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tão pouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana. A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações. (Rego, 2004)

As tecnologias de comunicação possibilitam ao indivíduo ter acesso a uma ampla gama de informações e complexidades de um contexto que, num processo, pode servir como elemento de aprendizagem, como espaço de socialização, gerando saberes e conhecimentos científicos.

Segundo Fernandez (2001) devemos proporcionar “um espaço de confiança, criatividade onde possamos dar um sentido criativo e lúdico ao nosso trabalho”.

Por isso podemos utilizar a prática da educomunicação como uma metodologia alternativa da psicopedagogia institucional, pois esta visa desenvolver projetos educacionais ampliando os procedimentos utilizados em sala de aula para instigar a criatividade e a vontade do aluno no ato de aprender.

A psicopedagogia pode utilizar desses conhecimentos e ferramentas para trabalhar o diagnóstico preventivo na escola junto aos alunos e professores. Se os alunos passam horas na internet ou em frente a uma televisão, com certeza eles estão aprendendo e absorvendo conteúdos transmitidos por esses meios. E não seria mais fascinante construir o seu próprio programa ou site? Com a mediação, é claro do professor ou educador?

Nós acreditamos que sim, por isso iremos trabalhar com esta proposta durante três meses em uma instituição filantrópica. Assim, iremos enfatizar no projeto o trabalho com recursos audiovisuais, jornais além da elaboração de vídeo feito pelos pré-adolescentes dessa instituição.

Para Schaun (2002) “a comunicação é fator prioritário para o processo educativo e a mediação dos dois campos deve ser compreendida enquanto construção de valores éticos e estéticos. Aprender é um processo também coletivo, respeitando-se as diferenças e valorizando a criação, produção e alimentação de projetos geradores de transformação social”.

A educomunicação na escola cria situações de ensino que permite aos alunos a realização de novas atividades e faz com que cada indivíduo seja o sujeito de sua aprendizagem e protagonista na construção do seu conhecimento. Pois valoriza a participação do aluno, a aprendizagem como construção do significado.

Na comunicação educativa, o conhecimento construído pelo sujeito resulta, antes de tudo, das suas interações com os outros atores humanos, assim como com todos os componentes do contexto de aprendizagem, inclusive do contexto midiático.

“Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”. (Rego, 1995)

A prática da Educomunicação como recurso psicopedagógico pode nos mostrar onde o aluno aprende, como aprende, o que o encanta e, assim, o psicopedagogo pode utilizar essa ferramenta para solucionar dificuldades na aprendizagem e levar o aluno a gostar de aprender numa perspectiva diferente e prazerosa. Já que esses meios são os que mais fascinam as crianças e os adolescentes nos dias de hoje.

4.1 - PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO RECURSO NA SALA DE AULA

Nos deteremos um pouco mais sobre o audiovisual, pois esse foi o veículo escolhido para a elaboração do nosso projeto junto aos alunos.

A produção de audiovisual, na perspectiva da educomunicação, é um enorme desafio para os profissionais das áreas de educação e comunicação. Se a escola pretende estar em conformidade com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interfiram na vida do aluno.

Se a escola deve exercer uma ação integradora das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante no desenvolvimento da educação ligada à vida, ao prazer do bem-estar, integrado às diversas dimensões do ser humano envolvido nesses aspectos.

A psicopedagogia, cuja função é de encontrar meios alternativos para tentar sanar as dificuldades dos alunos, pode utilizar-se da educomunicação (no caso do presente projeto produção de vídeo) como instrumento psicopedagógico.

Para Wohlgemuth (2005) o vídeo foi reconhecido como um instrumento apropriado para os processos de ensino-aprendizagem, pois um dos objetivos do vídeo é realizar os processos sistemáticos de ensino-aprendizagem, realizando uma reflexão crítica sobre a realidade, posicionando-se como um elemento de democratização da sociedade.

A elaboração de um vídeo requer disposição, pesquisa, criatividade, leitura e disciplina, por isso escolhemos esse recurso para trabalhar junto aos alunos. Nosso objetivo foi ajuda-los no processo de escrita e linguagem e a produção do vídeo foi o meio escolhido para despertar a criatividade do grupo, instiga-los a pesquisar e produzir textos .

Para a produção de um vídeo deve haver disciplina e planejamento, primeiro há a necessidade de um projeto, um tema para ser trabalhado junto aos alunos, depois vem a parte da pesquisa relacionada ao tema, logo vamos discutir quais elementos vamos utilizar no vídeo: imagens, músicas, entrevistas. Devemos elaborar um roteiro que vai indicar o caminho pelo qual vamos seguir. A cada etapa pronta deve-se fazer uma avaliação não formal, para saber como os alunos estão em relação ao projeto.

5 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Metodologia

Para o desenvolvimento do projeto de intervenção utilizaremos duas formas de pesquisa: empírica com trabalho de campo e estudos teóricos. Desenvolveremos no decorrer do projeto uma abordagem qualitativa, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A pesquisa qualitativa responde à questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2004)

Faremos um estudo de caso com três crianças, consideradas carentes, que possuem idades entre 9 a 12 anos. Desenvolveremos nossos trabalhos em uma classe com 20 crianças, alunos de escolas públicas e freqüentadores de uma instituição filantrópica situada no Jardim Campos Elíseos em Campinas. Essa instituição atende 80 crianças e 20 adolescentes no período inverso da escola.

Nossa proposta consistirá em desenvolver um trabalho psicopedagógico, focando as dificuldades de leitura e escrita, através da educomunicação e da relação afetiva entre educador e educando.

A coleta de dados será feita através de encontros semanais, durante três meses, por meio de debates, entrevistas, produções escritas e observação das crianças.

5.1 - DETALHAMENTO DO PLANO DE INTERVENÇÃO

Primeiro encontro: Iniciaremos o plano de intervenção expondo para os educandos o projeto que será desenvolvido e que objetivará a produção de um vídeo. Faremos uma dinâmica na qual responderão quatro perguntas (Quem eu sou?; O que gosto de fazer?; Quais os meus sonhos?; Quais os meus medos?) , num primeiro momento de forma oral e depois por meio de produção escrita. Com o objetivo de levantar dados sobre as crianças: sonhos, coisas que gostam de fazer e problemas que enfrentam no dia-a-dia.

Segundo encontro: apresentaremos para os alunos alguns meios de comunicação: jornais, revistas e um filme (elaborado por alunos de uma escola particular que fala sobre agressão verbal e física na escola) com o objetivo de coloca-los em contato com esses meios para definirem o tema que irão trabalhar para a elaboração de um vídeo.

Terceiro encontro: os educandos passarão a limpo o texto produzido no primeiro dia e continuarão realizando pesquisas em jornais e revistas para a produção do vídeo com o objetivo de praticarem a leitura visando a melhora desta.

Quarto encontro: com o tema definido e a pesquisa realizada, os educandos começarão a montar o script do vídeo. Definindo a história, os personagens e etc.; Para praticar a escrita solicitaremos que os educando redijam um texto sobre o tema proposto. Levando em consideração que um script precisa ter começo, meio e fim utilizaremos deste recurso para trabalharmos a estruturação do texto.

Quinto encontro: apresentaremos um texto ligado ao tema escolhido pelos educandos objetivando o debate entre eles, onde, também, trabalharemos o saber ouvir e falar na hora certa. E reservaremos um tempo para que possam ‘passar a limpo’ o texto que terão

produzido no encontro anterior. Com o objetivo de fazerem a autocorreção para que dessa forma possam aprender com os erros que cometeram.

Sexto encontro: faremos uma seção cinema, em que os educando assistirão um filme relacionado ao tema escolhido. Como o nosso projeto visa, também, a oportunidade dos educandos entrarem em contato com os vários tipos de meios de comunicação para que haja a aprendizagem, utilizaremos, então, desse recurso para discutirmos o tema.

Sétimo encontro: discutiremos sobre o filme que terão assistido no sexto encontro, procurando saber quais foram os pontos relevantes para os educandos, com o objetivo de trabalhar o pensamento crítico do grupo.

Oitavo encontro: com o script finalizado, faremos a distribuição de tarefas, definindo quem irá interpretar os personagens bem como quem ajudará na filmagem do vídeo; ensaiarão e confeccionarão o cenário. Nessa etapa trabalharemos a organização e a cooperação de todos, mostrando o quanto essas atividades são importantes para um trabalho em grupo.

Nono encontro: faremos a gravação do vídeo, em que as crianças terão a oportunidade de encenarem o tema que foi escolhido por eles e de estarem em contato com essa tecnologia (Câmera de vídeo e microfone).

Décimo encontro: os educandos farão uma redação expondo o que aprenderam durante todo o projeto, visando trabalhar suas capacidades de síntese de idéias. Através deste texto poderemos verificar como estará a escrita do grupo.

Décimo primeiro encontro: os educandos farão a autocorreção do texto produzido no encontro anterior. Para que através dos seus erros possam aprender.

Décimo segundo encontro: Finalização do projeto. Apresentaremos o vídeo editado para os educandos, com o objetivo de lhes mostrarem o resultado do trabalho que produziram durante o projeto.

6 - DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Primeiro encontro: explicamos para o grupo o trabalho que, juntos, iríamos desenvolver no decorrer de três meses. Elaboramos uma dinâmica (vide anexo 1) para que todos tivessem a oportunidade de se expressarem, externando seus sentimentos e interesses de forma verbal e escrita. No início todos ficaram receosos em falar, mas acabaram participando, com exceção de Adalberto, que se recusou em participar da dinâmica, pois se sentiu envergonhado.

Depois dessa socialização os educandos tendo como referencial as respostas que haviam dado produziram um texto com o tema: “Quem eu sou?”. Eles reclamaram bastante para escrever, mas como estavam empolgados com o projeto acabaram realizando a redação.

O olhar psicopedagógico foi de grande importância para esta etapa do projeto, pois nos foi necessário observar a criança na sua globalidade, analisando não somente suas dificuldades, mas também as relações que ela desenvolvia com os seus colegas e os sentimentos que expressavam diante de certas situações.

Após a elaboração deste primeiro texto, comprovamos a grande dificuldade encontrada no grupo com relação à leitura e escrita e a partir daí passamos a intervir pontualmente em cada uma dessas dificuldades.

Por meio das intervenções acreditamos que as crianças sempre têm a possibilidade de avançar e aprender. “A questão reside em encontrar a forma adequada de ajuda-las e ensiná-las partindo dos seus conhecimentos e oferecendo-lhes, mais ou menos, ajuda, dependendo das suas necessidades” (Bassedas, 1996).

Segundo encontro: Apresentamos um filme que aborda a temática ‘*Bullying*’. Esse vídeo foi elaborado por alunos da 4ª série do ensino fundamental de um colégio particular em

Campinas. Passamos o filme para que os educandos pudessem ter idéia de como ficará o vídeo elaborado por eles.

Após assistirem o vídeo, fizemos uma roda de conversa para discutirmos o filme, perguntamos o que eles acharam e sobre o que poderíamos falar no vídeo que iremos produzir juntos.

Um menino teve a idéia de falar sobre o cerol usado nas pipas que pode machucar. Os outros levantaram a idéia de falar sobre roubo, pois enfrentam esse problema na escola e também no bairro onde moram com a família. Todos gostaram dessa idéia e decidimos que o nosso tema seria o roubo.

Os educandos pesquisaram em jornais e revistas assuntos que falavam sobre violência, depois contaram histórias de pessoas que eles conheciam que haviam sido presas porque roubaram. Então pedimos para que fizessem uma entrevista com essas pessoas que fazem parte de seus cotidianos.

As perguntas foram elaboradas por eles coletivamente. E no total foram 11 perguntas.

Sendo elas:

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Onde você mora?
- 3- Como você começou a roubar? Por quê?
- 4- Com que idade começou a roubar?
- 5- O que você já roubou?
- 6- Você já foi preso por roubar? Se sim, como foi o tempo que passou na cadeia?
- 7- Alguém da sua família já roubou?
- 8- Qual a arma que usou para roubar?
- 9- Você começou a roubar por influência dos seus amigos?
- 10- Você se arrepende por ter roubado?
- 11- Você tem algum vício?

Para um trabalho psicopedagógico é importante levarmos em consideração o meio social que a criança vive, inserindo-o no aprendizado desta. Por isso propusemos esta atividade que teve reflexos diretamente no cotidiano das crianças.

Terceiro encontro: Lemos uma reportagem de jornal ligado ao nosso tema (roubo) que falava sobre honestidade (vide anexo 2), colocando o grupo em contato com diversos meios de comunicação (jornais e revistas) e a partir daí delimitamos melhor o tema: ROUBO: SER É MELHOR QUE TER.

Os educandos passaram a limpo o texto “Quem sou eu?”. Texto este, produzido no primeiro encontro, e que agora estava com a correção dos erros de português e com a concordância correta.

A metodologia que utilizamos para a correção desses textos foi: indicação dos erros através de símbolos para que pudessem realizar a autocorreção.

Para Luckesi (2001) os erros não podem ser desprezados, pois são reflexos da construção do conhecimento, que o aluno está apreendendo, e revela o nível de estruturação em que a criança está operando. Ele é um aliado no processo de ensino, pois ajuda o professor exercer seu papel mediador.

Desta forma, realizamos nossas intervenções adaptando-as às dificuldades encontradas pelas crianças nas redações propostas. Sendo necessário assim, observá-las e avaliá-las constantemente. Com isto, objetivamos tentar entender as dificuldades dos alunos buscando, dessa forma, oferecer-lhe uma ajuda complementar e mais eficiente.

Durante o tempo que passamos juntos percebemos que o contado físico, a conversa e o diálogo são fundamentais para o sucesso do trabalho. Pois fazem com que os educandos sintam-se mais confiantes diante das atividades propostas.

Quarto encontro: Os educandos socializaram as entrevistas que realizaram com pessoas que já cometeram roubos.

No decorrer da socialização das entrevistas feitas desenvolvemos um ambiente de confiabilidade entre nós, a ponto de alguns educandos sentirem-se à vontade para contarem experiências pessoais que haviam tido com o roubo. “É preciso ensinar a expressar os sentimentos, porque o bloqueio advém do sentimento confuso ou reprimido por valores”. (Ferreira, 2000).

Conversamos sobre essas experiências e resolvemos retratar no vídeo uma história verídica de um dos alunos. Assim começamos a montar o script do vídeo. Os educandos redigiram um texto recontando a história verídica que será apresentada no vídeo.

Foi necessário permanecermos ao lado de dois alunos – Adalberto e Cleiton – para que conseguissem realizar a produção escrita, pois são muito inseguros e pensam que não têm capacidade para fazer sozinhos.

Quinto encontro: percebendo a grande dificuldade que apresentam em relação à leitura levamos um texto para lermos juntos que abordava a importância de que devemos nos esforçar para agir corretamente (vide anexo 3). A seguir, debatemos sobre o tema: “Ser é melhor que ter”, sempre enfatizando a importância da honestidade.

Na sequência das atividades, os educando fizeram a autocorreção do texto que produziram sobre roubo.

Sexto encontro: visando colocá-los em contato com os diversos meios de comunicação para trabalhar o tema, assistimos o filme “Coach Carter” que conta a história de jovens que saíram do mundo do crime através do esporte (basquete) e conseguiram ter uma vida de sucesso através dos estudos.

Os educandos se empolgaram bastante com o filme, pois este apresentava várias características de suas realidades. Como por exemplo, jovens que vivem na periferia, que tem contato com drogas, roubos, mortes e tráfico. Também gostaram bastante da trilha sonora, que apresentava o gênero ‘rap’.

Sétimo encontro: Debates sobre o filme e conversamos com os educandos sobre o privilégio que têm de poderem frequentar uma escola, pois quando batalhamos e nos esforçamos podemos alcançar os nossos objetivos. Levantamos estes pontos em nossa discussão, pois queríamos sensibilizar o grupo para a importância de levarem os estudos a sério.

Na seqüência, iniciamos a produção coletiva do roteiro do vídeo (anexo 4), objetivando: valorizar o trabalho em equipe, o saber ouvir e o falar na hora certa. Para isso, distribuimos os personagens e as funções (confeção de cenário, filmagem e figurantes) entre os alunos.

Oitavo encontro: Iniciamos o ensaio para a gravação. Os alunos que não receberam um personagem ficaram responsáveis pela confecção do cenário e pela gravação.

Destacamos que foi necessário apenas um ensaio, pois os educandos rapidamente decoraram suas falas.

Nono encontro: Neste encontro iniciamos a gravação do vídeo que foi realizada na instituição utilizando os recursos encontrados no próprio local e a criatividade do grupo. Diante disto temos que: “O vídeo valoriza a gravação externa, reduzindo ao mínimo o uso de estúdios”. (Wohlgemuth, 2005).

Décimo encontro: Os educandos fizeram uma redação contando tudo o que aprenderam sobre o tema trabalhado – “Roubo: ser é melhor que ter”. Com essa atividade pudemos perceber o quanto os educandos progrediram em suas produções escritas.

Assim observamos que alguns alunos apresentaram progressos, porém outros ainda continuaram tendo dificuldades para produzirem textos. Por essa razão sentimos a necessidade de solicitar que fizessem outra redação com tema livre para praticarem a escrita. Esperávamos com isto, obter mais uma oportunidade de intervirmos juntos a esses alunos.

Décimo primeiro encontro: Os educandos realizaram uma produção escrita com o tema livre. Intervimos pontualmente com três alunos (Adalberto, Cleiton e Gabrielly) que apresentavam dificuldades para escreverem. Foi necessário que ficássemos junto deles durante todo o tempo em que estavam produzindo.

Décimo segundo encontro: Apresentamos o vídeo que os educandos fizeram e eles ficaram empolgados em ver o resultado do trabalho que produziram. Muitos comentaram que não imaginavam que seriam capazes de fazer algo do tipo.

Acreditamos que com esse projeto pudemos trabalhar a auto-estima do grupo, bem como a leitura e a escrita mostrando o quanto são capazes de produzir. O olhar e a escuta psicopedagógica nos ofereceu a possibilidade de analisar como os educandos constroem seus conhecimentos e ajuda-los a vencerem algumas das suas dificuldades.

7 – ANÁLISE

Durante todo o plano de intervenção a afetividade foi a base do nosso projeto. Procuramos no desenvolvimento das atividades estabelecer uma relação afetiva com os alunos, ouvido-os, tocando-os e incentivando-os, pois a pudemos aprender com a psicopedagogia que essas atitudes possuem um grande valor no processo de construção de conhecimentos.

Segundo Coll (1994) o grau de orientação e ajuda do professor dependerá da competência ou dificuldade do aluno diante das tarefas propostas: quanto maiores forem as dificuldades para realizar a tarefa de uma forma autônoma maior será a necessidade de guiar, dirigir e apoiar o processo de aprendizagem.

Faremos agora o estudo de caso de três alunos propositalmente escolhidos em função de apresentarem dificuldades acentuadas de leitura e de escrita e no nosso entender necessitarem urgentemente da nossa ajuda e intervenção afetiva.

Aluno 1 - Adalberto.

Adalberto tem 9 anos de idade e cursa atualmente a primeira série do ensino fundamental, porque quando estava na quarta série, por apresentar muitas dificuldades sua professora fez com que retornasse para a primeira série novamente. Com isto perdeu sua autoconfiança sendo difícil acreditar que é capaz realizar as tarefas propostas.

No início do projeto o aluno apresentava dificuldades de relacionamento com os seus colegas, se recusava a participar de muitas atividades que envolviam a escrita, por medo e vergonha de não conseguir realiza-las; não respeitava o momento em que os outros falavam, falando junto com eles.

Depois dessa observação entendemos ser necessário intervirmos de forma individual e afetiva. Durante todas as atividades realizadas, uma de nós sentava ao lado do aluno e com

palavras de incentivo o encorajava e o ajudava a desenvolver as tarefas, trabalhando assim sua escrita. Quando não estávamos por perto se depreciava dizendo que não seria capaz de fazer a atividade.

No primeiro texto que propomos para o aluno fazer, apresentou erros de pontuação, não sabia como usar ponto final e ponto de interrogação, também não usou parágrafos.

“Quem sou eu? Adalberta.

O que eu gosto de fazer Brincar com a minha mãe e com asminhas primas de carrinho

Quais são os meus sonhos cuidar da minha mãe

Meu medo é ficar no escuro”

Esse texto foi escrito mediante ajuda de perguntas que colocamos na lousa para orienta-los bem como com a nossa ajuda, pois se recusava em fazer o texto sozinho.

Vimos que seria preciso desenvolver sua autoconfiança para depois trabalharmos suas dificuldades com a escrita e leitura. Acreditamos que o afeto é facilitador da aprendizagem quando satisfaz as necessidades dos alunos. Com isso pode-se supor que, se não forem satisfeitas essas necessidades poderá haver dificuldades.

Para Siste (1996) “algumas crianças antes do diagnóstico só viam seu próprio fracasso; a partir do diagnóstico, se este for interventivo, isto é, se durante o diagnóstico a criança puder aprender, poderá sentir o gosto da competência”.

Toda vez que sentávamos junto com o aluno para guia-lo nas produções e na leitura, ele conseguia realizar as atividades. Ajudamos o aluno a sintetizar suas idéias e escreve-las de forma que pudéssemos entender sua produção; apontávamos as palavras que possuíam erros ortográficos para que pudesse descobrir quais eram os erros, pois quando se reconhece os erros e faz a auto-correção é mais fácil de ocorrer o aprendizado.

No segundo texto proposto o aluno conseguiu desenvolvê-lo sozinho, mas também apresentou erros ortográficos e escrevia muitas palavras juntas, não sabendo quando devia separá-las. Outra dificuldade encontrada foi para escrever a letra “b” minúscula, pois em todas as palavras escrevia com “B” maiúsculo. O aluno conhece a letra “b” minúscula, mas por alguma razão não a escreve, até porque essa letra faz parte do seu nome. Mais uma vez ele não usou parágrafo na produção.

A história do Gustavo

O Gustavo rolou uma Barra de chocolate

eo Gustavo comeu A Barra de chocolate lano poulistão atrais da caicha de guarana

O aluno tinha preguiça de escrever e apresentava pequenas produções.

Demandou tempo para desenvolver sua autoconfiança, pois era difícil para ele acreditar que era capaz de fazer algo sem a nossa ajuda.

Nas últimas semanas pudemos observar uma melhora em sua autoconfiança desenvolveu, também, a capacidade de ouvir os seus colegas nas rodas de conversa.

Apesar de ainda apresentar alguns erros ortográficos, melhorou no uso de pontuação (usou ponto final), como podemos observar em sua penúltima produção escrita:

deus não permitiu a roubar

Eu aprendi con a lara que não pode roubar porque é muita rum e vai para cadeia.

roubar é a pior coisa do mundo.

Em sua última redação, no projeto, Adalberto não usou parágrafo, cometeu erros de ortografia, porém usou letra maiúscula para iniciar as frases. Coisa que pouco fazia nas produções anteriores.

Título: *Sábado e domingo*

Eu joga futebol no campo, ando lisicleta na rua, eu fuino jope asisti um fiume de dezenho, depois fui pasear no losque.

E no domingo, eu fui no campo lrincar de pega-pega.

No final do dia eu fui tomar lanho.

Neste último texto pudemos ver o aluno estruturando melhor as suas idéias e usando melhor a pontuação, através de virgula e ponto final.

Todas as vezes que propusemos produções escritas o aluno reclamou bastante e de inicio se recusava a fazer. Depois que via que todos os seus amigos estavam fazendo solicitava a nossa ajuda para realizar a atividade.

Vimos uma melhora no Adalberto, mas acreditamos que esse trabalho de intervenção psicopedagógica precisa ter continuidade para que o educando mostre melhora significativas.

Aluno 2: Cleiton

Cleiton tem 11 anos e cursa a 5ª série do Ensino Fundamental. É um aluno comunicativo e não tem dificuldades para se relacionar com seus colegas.

No projeto propusemos algumas atividades de leitura coletiva, nas quais sempre se recusava em participar dando desculpas para não ler. Através disso suspeitamos que ele apresentava alguma dificuldade nessa área.

Depois dessa observação, propomos uma atividade individual de leitura, onde pudemos comprovar que apresentava dificuldades principalmente para reconhecer os sons silábicos.

Para identificarmos quais eram suas maiores dificuldades, começamos a apresentar palavras isoladas para ler. Percebemos que aquelas que possuíam encontros consonantais como NH, LH e palavras com AR, AL, AS era onde apresentava problemas. Pois não reconhecia essas sílabas.

Apresentamo-las para o aluno e começamos a trabalhar com palavras nas quais essas sílabas estavam presentes. Após indicar melhora na leitura das palavras, iniciamos um trabalho com textos, (vide anexo).

Juntamente com a intervenção na leitura fizemos a intervenção na escrita, pois conseqüentemente possuía dificuldade também na escrita. Esta foi trabalhada através das propostas de produção de texto que houve durante o projeto.

O aluno somente produzia seus textos com a nossa ajuda, nós o lembrávamos dos sons das sílabas, pedíamos para falar a palavra em voz alta e escrever o som que pronunciava.

Com exceção do último texto, em todos os outros o ajudamos a escrever, intervindo sempre que cometia algum erro. Por esse motivo não apresentou erros nas suas redações. Quando não estávamos ao seu lado não fazia a atividade, reclamando que não sabia fazer.

Durante toda a nossa intervenção também trabalhamos sua autoconfiança mostrando a ele que era capaz tanto de ler quanto de escrever.

Na última proposta de redação insistimos para que fizesse sozinho, mas não aceitou então uma de nós ficou ao seu lado, mas não interviu na sua produção, pois queríamos ver o quanto era capaz de escrever sem a nossa ajuda.

Texto escrito sem a nossa intervenção:

Eu gosto de futebolá no gempo.

Eu jogo bola com meso amigos nocampo perdo da nina casa.

Eu gosto de nemdam de biciquata de sábado e de dunigo. Eu gosto de joga piqeipoque.

Texto escrito com a nossa intervenção:

Um dia eu estava saindo do Salém e fui no Paulistão e roubei uma barra de chocolate. Aí o segurança me pegou e levou lá pro fundo.

O aluno não tinha motivação para escrever se recusando a escrever mesmo com a nossa ajuda. Todas as suas produções foram curtas.

Conseguimos observar a melhora do aluno na leitura, porém ainda não se sente confiante para ler em público. O único sucesso que tivemos na escrita foi o educando concordar em fazer uma produção escrita sem a nossa intervenção.

Acreditamos ser de total urgência a continuidade do trabalho psicopedagógico, pois o educando apresenta um grande atraso cognitivo para a sua idade.

Aluno 3: Gabrielly

Há seis anos atrás Gabrielly sofreu um acidente, no qual perdeu seu braço direito. Hoje com 9 anos de idade cursa a 4ª série do Ensino Fundamental e não possui problemas para realizar suas atividades. É uma garota comunicativa e se relaciona bem com todos os seus colegas.

No projeto sempre participava de todas as atividades propostas. Na roda de conversa gostava de colocar sua opinião e de expressar suas idéias.

Foi na primeira produção de texto que observamos quais eram os seus problemas: erros ortográficos, gramaticais e dificuldade para expressar suas idéias na linguagem escrita.

Título: Quem sou eu?

- *O que eu gosto de fazer*

eu gosto de ir para catequese de brincar com os meus amigos e de assistir TV e de ir para o saler.

- *Quais são os meus sonhos*

o meu sonho é ter uma casa um carro é ser cantora.

- *Quais são os meus medos*

o meu medo é que a minha família more e da violência.

- *Como eu sou?*

eu sou alegre é morto carinova.

A educanda não apresentou em momento algum “preguiça” para escrever, pudemos perceber que desenvolveu e estruturou bem suas idéias, mas seus erros dificulta a compreensão do mesmo.

Nos momentos de suas produções escritas não intervínhamos, deixávamos escrever sozinha e somente a ajudávamos quando solicitava, querendo saber se havia escrito corretamente.

Era nesse momento em que apontávamos as palavras que havia escrito errado e pedíamos para que nos apontar qual era o erro, dando a oportunidade para fazer a auto-correção. Levando em consideração a nossa intervenção psicopedagógica acreditamos ser uma oportunidade da aluna aprender através da percepção e da correção dos seus erros.

Em seu segundo texto, novamente, Gabrielly cometeu vários erros ortográficos e tivemos dificuldade de entende-lo, suas idéias estavam confusas e a falta de pontuação prejudicou ainda mais o seu texto.

Título: A historia do Gustavo

O Gustavo foi para o paulistão e roubou uma bara de chocolate e o alda foi atais dele e pegou a bousa dele e ele foi atais e foi lá com gemte e ele pergutou quau o telefoni e ele deu o telefoni erado e deu o telefoni do André Fort e perguto o nome dele e ele deu o nome erado e deu o nome João vitor.

Por ser um relato a educanda escreveu de uma forma oral. Não percebendo que para passar do relato oral para o relato escrito precisa utilizar algumas regras. Como por exemplo, pontuação.

Um aspecto positivo da aluna era que possuía autoconfiança e por isso não tinha medo de errar. Diferente dos outros dois alunos, realizava as tarefas sem a necessidade de estarmos ao seu lado.

Os erros cometidos por ela foram algo positivo durante o trabalho, pois foi através deles que teve seu maior aprendizado.

Com relação a sua dificuldade em expressar suas idéias por escrito, num primeiro momento explicamos a diferença da linguagem oral para a linguagem escrita, sendo possível despertar sua atenção para as diferenças existentes entre esses dois tipos de linguagem.

No seu terceiro texto o único ponto que melhorou foi que a educando utilizou parágrafo. Continuou cometendo vários erros de ortografia, sendo ainda, difícil de compreender o seu texto.

Título: O Pensamento

Eu a preidi que rouba não leva a nada ete doas o pinião cadeia e caichão.

E tembê rouba não e bom e deis que a Lara cheigo ela foi muito legol com nós e ela insino que rouba não é legal.

Foi muito legal faz a história do Gustavo.

E para a lara vim ensinr para nos que rouba é a pior coisa.

Em seu último texto pudemos observar algumas melhoras, tais como, menos erros ortográficos, uma melhor estruturação de textos com idéias mais concisas, continuou a utilizar parágrafo, em todos os seus textos colocou título e os fez sozinha.

Título: O meu dia

O jé a minha vó me acordou para eu i para a Salém.

Eu acordei é lavei o meu rosto é me a romei é vin para a Salém.

No meio do caminho começou a chuva, é meu irmão veio de bicicleta.

E o meu irmão foi no treno de futebol e ele trose eu na Salém.

Eu foi lava a mão é foi para o refeitore, para tomar café da manhã.

Depois eu fui escovar o teite, é depois eu subi para a sala.

A tona contou a História de o jé, é a lara falou para a gente comta uma História sobre o robô.

Acreditamos que a aluna necessita continuar sendo trabalhada, pois tivemos um tempo muito limitado para trabalhar todas as dificuldades que apresentava. Os erros que cometia no início do projeto continuam presentes nas suas produções escrita, porém em menor quantidade.

Os alunos aqui analisados tiveram boa aceitação quanto as intervenções, pois era grande a vontade deles em participar do projeto de produzir um vídeo. Quando propúnhamos atividades para trabalhar suas dificuldades, se esforçavam ao máximo para realiza-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o trabalho de pesquisa e desenvolvimento do Projeto de Educomunicação pudemos analisar o quanto um instrumento alternativo, como por exemplo, o vídeo, pode ajudar a solucionar possíveis dificuldades de aprendizagem. Pois os meios de comunicação fascinam as crianças e adolescentes o que torna o aprendizado mais prazeroso.

Durante o desenvolvimento das atividades, os educandos demonstraram grande resistência quanto às produções escritas. A classe num geral apresentou, uns mais outros menos, dificuldades no desenvolvimento dos textos. Acreditamos que este fato foi a razão dessa resistência.

Mas a produção do vídeo animava-os para realizar as atividades propostas, pois viam um significado naquilo que estavam fazendo. Certamente percebiam que estavam aprendendo e buscando superar as dificuldades. Isto também contribuía para melhorias na auto-estima do grupo além de melhorias educacionais.

Com isto podemos afirmar que da mesma forma que a psicopedagogia busca auxílio em várias áreas de conhecimento, a educomunicação veio de encontro as nossas necessidades (para) despertando os sujeitos da pesquisa para a importância do desenvolvimento de atividades diferenciadas no trabalho rotineiro da leitura e da escrita. Assim temos que:

“A Psicopedagogia é considerada uma área de conhecimento que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes, recorrendo ao conhecimento de várias ciências, sem perder de vista o fato educativo, nas suas articulações mais amplas...” (Scoz, 1994)

Durante todo o projeto a afetividade foi a base para a nossa intervenção e através dela conseguimos fazer com que os sujeitos analisados avançassem em alguns aspectos educacionais. Dentre eles destacamos: a produção de texto e o processo de leitura.

Nas nossas intervenções psicopedagógicas buscamos incentivar o desenvolvimento, das potencialidades dos educandos. Não focávamos nossos estudos e intervenção nas dificuldades dos alunos, mas sim naquilo que acreditamos que eles tinham capacidade de fazer.

Assim partimos do pressuposto de que para se ter bons resultados num trabalho psicopedagógico, além de outras questões, como uma boa formação, a continuidade de estudos, leituras, interesses pessoais, o profissional precisa de tempo suficiente para conseguir a confiança do educando e assim alcançar resultados positivos. Com isto, o psicopedagogo poderá observar, analisar, pontuando as dificuldades e fazendo uma intervenção de qualidade. Diante disto estamos querendo dizer que gostaríamos de ter tido mais tempo para o desenvolvimento desta proposta. E tempo foi algo que nos faltou.

Sentimos a necessidade de um período maior com o grupo da pesquisa, pois trabalhamos com dificuldades que ultrapassam as dificuldades de aprendizagem, que perpassam por questões emocionais, familiares, éticas, e outras. Essas questões levam tempo para serem trabalhadas e um tempo maior ainda para se alcançar resultados.

Os educandos demonstraram grande resistência quanto às produções escritas. A classe num geral apresentou, uns mais outros menos, dificuldades no (para) desenvolvimento dos textos. Acreditamos que este fato foi a razão dessa resistência.

Mas a produção do vídeo animava-os para realizar as atividades propostas, pois viam um significado naquilo que estavam fazendo. Certamente percebiam que estavam aprendendo e buscando superar as dificuldades.

Assim ficamos com a idéia de que despertar a criança ou o adolescente para gostar de aprender foi o nosso maior desafio. Acreditamos que, depois desse despertar, trabalhar as dificuldades e os possíveis erros dos alunos fica mais fácil.

Bibliografia

- BAQUERO, R. *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2001.
- BASSEDAS, E., HUGUET, T., MARRODÁN, M., OLIVÁN, M., PLANAS, M., ROSSELL, M., SEGUER e M., VILELLA, M. *Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1996
- COLL, C., SALVADOR, C. C. *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1994
- CUNHA, M. I. *A prática pedagógica do bom professor*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, SP, 1988.
- FERREIRA, M. *Ação Psicopedagógica na Sala de Aula: Uma questão de Inclusão* - São Paulo: Paulus, 2001
- GALVÃO, I. Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- HERNANDES, F. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.
- LEITE, S. A. S. *Afetividade e Práticas Pedagógicas*. São Paulo, : Casa do Psicólogo, 2006.
- MUNIZ, C. S. *A influência da Relação Afetiva no Processo de Escolarização*. São Paulo. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/> Acesso em 12 Out. 2006.
- MARTINS, M. R. *Psicopedagogia: A solução para os problemas de aprendizagem*. São Paulo. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/> Acesso em: 10 Nov. 2006.
- MASINI, E. F. S. (org.), SANTOS, E.M. e SHIRAHIGE, E. E. *Psicopedagogia na Escola: buscando condições para a aprendizagem significativa*. São Paulo: Unimarco, 1993.

- MINAYO, M. C. S. (organizadora). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PINO, A. *O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências*. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação UNICAMP, p.5-24, 1997.
- PORTO, T. M. E. *As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas*. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>> Acesso em: 12 Set 2006.
- SCHAUN, A. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SITO, F. F., Oliveira, G. C., Fini, L. D. T., Souza, M. T. C. C, Brenelli, R. P. *Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. (org.). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.
- SOARES, I. O. *Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos*. **Revista ECCOS**. São Paulo: Centro Universitário Uninove, v.2, n.2, dez. 2000. p. 63-64.
- TEBEROSKY, A. *Psicopedagogia da Linguagem Escrita*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- VALDERRAMA, C. E. *Comunicación-Educación, coordinadas, abordajes y travesías*. Bogotá: Universidad Central, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____ *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.
- WOHLGEMUTH, J. *Vídeo Educativo: Uma pedagogia Audiovisual*. Brasília, DF: Senac, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1

Dinâmica da Vela:

A chama da vela será comparada com a luz que se acende quando nascemos e só se apaga quando morremos.

Para falar aos alunos:

“Hoje a Vela acesa vai representar a vida, a força, a energia, o potencial, a capacidade de luta de cada um. A vela caracterizará cada um de vocês que se esforçam para serem felizes.

Nós precisamos cuidar dessa chama, mantê-la acesa, torna-la cada vez mais intensa.

E para essa chama não se apagar precisamos estar unidos e essa união nos fortalece. As vezes a chama que significa nossa força, energia pode ficar fraca aí há a importância de procurarmos a ajuda dos outros, pois quando ajudamos aos outros, nossa chama também se fortalece. A cooperação e a solidariedade contribuem para o desenvolvimento de nossas capacidades. O ser humano é mais feliz à medida que não prejudica o outro e que contribui para que todos possam viver da melhor forma possível.

Nós vamos acender a vela e ela será passada para cada aluno, todos devem olhar para a pessoa que está com a vela e escutar as suas palavras, cada um vai falar sobre os sonhos, desejos e esperanças e um problema que existe no mundo atual que precisa ser resolvido para que todos possam viver bem”.

As questões que serão apresentadas para os alunos serão: Quem sou eu? Quais são os meus desejos, as minhas capacidades? Qual o problema do mundo atual que mais me preocupa?

ANEXO 2

JORNAL: Diário do Povo – Campinas, Terça-feira, 29 de agosto de 2006

Caderno: Brasil

ANEXO 3

Dois cachorros

Certo dia, um rapaz entrou num profundo conflito consigo mesmo e suas idéias. Sentia como se uma parte dele tinha muita vontade de trabalhar, era motivado e vivia de bem com a vida.

Já a outra parte sentia-se desanimada, pessimista e inconformada com as pessoas, a burocracia e outras chatices da vida.

Resolveu procurar um senhor muito conhecido por seus bons ensinamentos. Tinha a esperança de solucionar esse grande dilema interno que lhe atormentava constantemente.

O velho sábio disse que, infelizmente, não poderia ajuda-lo. Mas que havia um índio que morava na floresta que certamente poderia lhe dizer algo.

O rapaz, intrigado com o fato de não ter obtido sua resposta, resolveu não desistir e procurar o tal índio. Encontrou a casa dele no meio da floresta e lhe fez, então, a pergunta:

- Índio, sinto como se dentro de mim houvesse duas pessoas em constante conflito. Uma é feliz, motivada e boa. Enquanto a outra, pessimista, triste e ruim. O que devo fazer?

Pra sua surpresa, o índio lhe respondeu:

- Meu querido rapaz, comigo acontece exatamente a mesma coisa! Dentro de mim existem dois cachorros: um deles é cruel e mau, o outro é muito bom. Os dois estão sempre brigando.

E o rapaz, intrigado e curioso, perguntou:

- Qual dos dois cachorros ganha a briga?

O sábio índio parou, refletiu e respondeu:

- Aquele que eu alimento mais.

Moral da história

Certamente, essa sensação de oposição e conflito acontece com todos nós. A diferença entre uns e outros está realmente no tipo de alimento que ingerimos. Precisamos nos concentrar na qualidade de nossos pensamentos, de nossas palavras e, sobretudo, de nossas atitudes. Somente assim o nosso cachorro bom poderá vencer a briga.

Dica: alimente-se bem com oração. Combata a raiva com paciência, a tristeza com a satisfação... e assim por diante.

ANEXO 4

Script para o vídeo “Roubo – ser é melhor do que ter”

Personagens

Henrique – Gabriel
Daniela – Valéria
Segurança - fala – Douglas
Segurança – Erick
Gerente – André
D. Arlete – Gabriela
Letícia – Jéssica
Diretor – Gustavo
Câmera - Tiago

Cena 1

Cenário de um supermercado.
Henrique entra no Supermercado disfarçando, olha para os lados, pega duas barras de chocolate, esconde dentro da calça e sai do supermercado.
Os seguranças estão olhando e desconfiam...

Cena 2

Em frente a Salém.

Henrique encontra Daniela.

Henrique – Você quer chocolate, Daniela?

Daniela – Eu quero!!!

Henrique dá um chocolate para Daniela e eles comem juntos.

Nesse momento chegam os seguranças e pegam a mochila de Henrique, eles estão bravos.

Segurança – Se você quiser sua mochila de volta vai ter que vir buscar.

Cena 3

Henrique vai buscar sua mochila com o gerente no Supermercado.

Henrique fala com o gerente – devolve minha mochila por favor.

Gerente – Qual é o seu nome?

Henrique – João Vitor!

O gerente abre a mochila do Henrique e vê que o seu nome verdadeiro é Henrique.

Gerente – Qual o número do seu telefone?

Henrique – 3666-4667

Gerente faz a ligação...

Gerente – Mas esse não é o número do seu telefone.

O Gerente viu no caderno de Henrique que ele estudava no Colégio André Fort e então procurou na lista o número do telefone...

Gerente – alô

Gerente – Você poderia me passar o número do aluno Henrique, por favor?

Gerente anotando o número – obrigado.

Gerente liga para a casa de Henrique – Por favor eu poderia falar com D. Arlete?

Cena 4

D. Arlete no telefone.

D. Arlete – O que? O Henrique? Eu já estou indo busca-lo.

D. Arlete sai para buscar o Henrique e torce o pé.

D. Arlete – Letícia vai buscar o Henrique no Supermercado, torci o pé. Esse moleque!

Cena 5

Letícia chega no Supermercado para buscar Henrique e fala para o gerente.

Letícia – Me desculpa, ele vai voltar para pagar o que pegou – vira para o Henrique e fala – Você vai levar um coro para aprender nunca mais fazer isso.

Cena 6

Henrique chega no Supermercado para pagar o chocolate.

Henrique – Vim pagar o chocolate que eu roubei.

Gerente – Não precisa pagar, quando você quiser peça e não roube. Peque uma barra de chocolate e paga no caixa.